

Baudelaire a mulher e “o amor que não ousa dizer seu nome”

Marcos Antonio de Menezes - UFG*

O que nos atrai e ao mesmo tempo nos choca na leitura de *As flores do mal* é, com certeza, já de pronto, a violência temática dos poemas. O livro todo, do primeiro ao último verso, apresenta-se como confissão de uma pessoa original vacilando entre luz e trevas. Da mesma maneira, seu vigor formal rompendo com a tradição romântica surpreende-nos. Suas fórmulas são breves, sua prosódia é burilada. A linguagem do dia-a-dia, intervindo no canto profundo do poema, confere-lhe uma singularidade. Não há para Baudelaire termos proibidos ou nobres. Sua arte incisiva, mordaz, explode nos quadros macabros, bem como nas evocações eróticas, satânicas, exóticas, nostálgicas ou místicas.

Palavras-chave: Literatura; História; Baudelaire; Lesbianismo; Mulher.

What attracts us and at the same time strikes us in reading *Les Fleurs du Mal* is surely the violent theme of the poems. The whole book, from the first to the last verse, stands for a confession of

Em outubro de 1845, Charles Baudelaire anuncia o lançamento de um livro de poesia lírica intitulado *Les Lesbiennes*¹. O livro apresentava poemas cujo tema era o amor entre mulheres, o que representava um escândalo aos olhos dos contemporâneos do poeta.

Os amigos demoveram o poeta a idéia de dar a sua primeira obra poética tal título e como *As flores do mal* o livro vem a lume em julho de 1857. Os 1.300 exemplares lançados por seus editores saem de circulação a 20 de agosto do mesmo ano. O poeta é condenado pela 6ª Vara Correccional de

* Professor adjunto da Universidade Federal de Goiás (UFG) ministrando aulas na graduação no Campus de Jataí e na Pós-Graduação em História no Campus de Goiânia. É autor de: *Olhares sobre as cidades*: narrativas poéticas das metrópoles contemporâneas. São Paulo: Cone Sul, 2000; *Escritas da História*: narrativa, arte e nação. Uberlândia: EDUFU, 2007; *Historiar*: lendo objetos da cultura. Uberlândia: EDUFU, 2009; *Narrativas da Modernidade*: história, memória e literatura. Uberlândia: EDUFU, 2010 -(no prelo). Líder do grupo de pesquisa do CNPq: Grupo de Pesquisa em História Regional do Centro Oeste Brasileiro e membro do Conselho Editorial da revista *ArtCultura*. pitymenezes@terra.com.br

¹ O anúncio fora feito na capa de *L'agiotage*, sátira de Pierre Dupont, considerado o artista dos trabalhadores e da oposição de quem fala Baudelaire em seu Salão de 1846.

a unique person vacillating between light and darkness. Likewise, its formal vigor, in breaking the romantic tradition, surprises us. The formulas are brief, the prosody is chiseled. Everyday language, speaking deeply from the corner of poetry, gives it uniqueness. For Baudelaire there

are no banned or noble words. His incisive, witty art, bursts into macabre pictures as well as in erotic, satanic, exotic, nostalgic or mystical evocations.

Keywords : Literature, History, Baudelaire, Lesbianism, Women.

Paris – a mesma e o mesmo advogado que condenaram Flaubert² - a pagar 300 francos de multa e retirar do livro seis poemas, entre eles os que tratavam do tema do amor lésbico.

Deve-se compreender, à luz dessa situação, os processos contra *Madame Bovary* e *Les Fleurs du mal* (cuja apologia do amor lésbico constitui uma contrapartida erótica para a política do ciclo *Révolution*). O comunismo não era o único espectro que rondava a Europa – o outro era a emancipação feminina, confundida de bom grado com o *spectre rouge* e objeto de um exorcismo coletivo não menos encarniçado.³

Os poemas condenados são: “Lesbos”, “Mulheres malditas” – estes sobre o amor lésbico – “O lestes”, “A que está sempre alegre”, “As jóias” e “A metamorfoses do vampiro”, os chamados Poemas condenados, incluídos na *Marginália* (1866) e depois definitivamente incorporados ao texto de *As flores do mal*, como se vê já a partir da primeira edição póstuma, de 1868.

O que nos atrai e ao mesmo tempo nos choca na leitura de *As flores do mal* é, com certeza, já de pronto, a violência temática dos poemas. O livro todo, do primeiro ao último verso, apresenta-se como confissão de uma pessoa original vacilando entre luz e trevas. Da mesma maneira, seu vigor formal rompendo com

² **Gustave Flaubert** foi um escritor francês. Prosador importante, Flaubert marcou a literatura francesa pela profundidade de suas análises psicológicas, seu senso de realidade, sua lucidez sobre o comportamento social, e pela força de seu estilo em grandes romances, tais como “*Madame Bovary*” (1857), “*L’Éducation sentimentale*” (1869). “*Madame Bovary*”, sua mais famosa obra, é impressa, por Laurent Pichat e Maxime Du Camp, em outubro de 1856. Resultado de cinco anos de trabalho, o romance é uma dura depreciação dos valores burgueses. Segundo alguns críticos conservadores, Flaubert ridiculariza sua própria condição social. Mal o livro começa a ser publicado a censura decide suspender a publicação da obra e processar o autor, sob a acusação de “imoralidade”. Em janeiro de 1857, Flaubert senta no banco dos réus, mas é absolvido pela Sexta Corte Correccional do Tribunal do Sena, em Paris, em 7 de fevereiro de 1857, através da argumentação do advogado Sénard.

³ OEHLER, Dolf. *O velho mundo desce aos infernos*: auto-análise da modernidade após o trauma de Junho de 1848 em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 121.

a tradição romântica surpreende-nos. Suas fórmulas são breves, sua prosódia é burilada. A linguagem do dia-a-dia, intervindo no canto profundo do poema, confere-lhe uma singularidade. Não há para Baudelaire termos proibidos ou nobres. Sua arte incisiva, mordaz, explode nos quadros macabros, bem como nas evocações eróticas, satânicas, exóticas, nostálgicas ou místicas.

Já em sua criação literária Baudelaire, confessa-se desejoso de maldizer, ou melhor, zombar de todos. É uma crítica mordaz à sociedade de seu tempo, tempo que inaugura o capitalismo. Em carta enviada à mãe, o poeta anuncia o lançamento do livro, *As flores do mal*, e faz sobre o mesmo o seguinte comentário:

Porém, este livro, cujo título *As Flores do Mal* diz tudo, está revestido, como se verá, de uma beleza sinistra e fria. Foi feito com furor e paciência [...] O livro põe todos em furor [...] Zomba de todos, ficará gravado na memória do público letrado, ao lado das melhores poesias de Victor Hugo, de Théophile Gauthier e até Byron.⁴

Neste trecho fica clara a intenção do poeta de não só escandalizar a mãe, mas a toda “boa” sociedade burguesa que o rejeitava. Para os acadêmicos, ele é o pós-romântico degenerado, apesar de guardar traços da poesia de Hugo, mas parecia deformá-las pelo péssimo gosto de “cantor das prostitutas” e da decomposição fúnebre, gosto patológico de uma boemia já mórbida.

Quando Baudelaire escreve Paris é uma cidade de mais de um milhão e meio de habitantes. Centro cultural e industrial da Europa. O trabalho fabril era uma realidade de homens e mulheres e se no campo, as mulheres trabalhavam com pás e enxadões, na cidade vão buscar formas de trabalho que preserve o aprendizado rural. Nos anos 1830, com as frentes de trabalho abertas por Luiz Felipe⁵ para empregar os milhares de desocupados e conter, assim, a onda de revoltas populares, as mulheres vão se empregar nos serviços de terraplanagem da capital francesa. Em algumas oficinas elas constituíam metade dos empregados e executavam serviços análogos aos dos homens, o que acabou dando-lhes traços masculinos. Até mesmo a participação nas lutas políticas, comuns na França do século XIX, poderia favorecer o aparecimento de traços masculinos em

⁴ TROYAT, Henri. *Baudelaire*. São Paulo: Scrita, 1995, p. 195.

⁵ Monarca da dinastia dos Orléans que ocupou o trono francês de 1830 a 1848 Foi deposto com a Revolução de 1848.

algumas mulheres. O movimento das *vésuviènes* é uma demonstração de como as mulheres estavam dispostas a participar da vida política e social do país, embora isto pudesse causar uma possível perda de feminilidade.⁶

Em 1848, a questão feminina assumiu na consciência pública quase tanta importância quanto a questão social. O próprio combate de junho não a relegou ao plano secundário, primeiro porque as mulheres dos insurgentes haviam tomado parte ativa da revolução, o que inúmeros comentaristas aproveitaram como ensejo para manifestar-se dessa ou daquela maneira sobre o caráter e a posição a sociedade das mulheres, e depois porque, logo após a derrota de junho, o movimento feminino pareceu disposto a assumir o papel revolucionário do movimento operário vencido. Por fim, as mulheres tiveram uma participação importante tanto na campanha da anistia pós-junho quanto na reelaboração histórica e literária dos acontecimentos de junho.⁷

Neste mesmo período dois teóricos do social, Saint-Simon⁸ e Fourier⁹, dos quais Baudelaire deve ter lido algumas obras, usavam a argumentação em sua militância em favor da igualdade entre homens e mulheres, que elas, também, deveriam participar do mercado de trabalho. Era visível nestes teóricos o culto ao ideal de androginia.

Ao saint-simonismo¹⁰, que, em seu culto quimérico, empregou com frequência a idéia de androginia, é creditado, no século XIX, a defesa da igualdade entre homens e mulheres. Neste movimento é clara a defesa de uma sociedade andrógina.

A sansimoniana Claire Demar escreveu em seu libelo utópico *Minha lei do porvir*, de 1834, que as mulheres deveriam liberta-se da maternidade passando ao

⁶ Durante a Revolução de Fevereiro de 1848, um batalhão formado por mulheres se apresentou às barricadas para a luta contra a monarquia. Elas se chamavam *vésuviènes* para afirmarem que cada mulher do batalhão era um vulcão revolucionário. Sobre este episódio pode ser consultada a obra: *“Paris sous la République de 1848”* Exposition de la Bibliothèque et des travaux historiques de la Ville de Paris Paris, 1909.

⁷ OEHLER, Dolf. *O velho mundo desce aos infernos*. Op. Cit., p. 113.

⁸ Claude Hemri de Rouvroy, conde Saint-Simon (1760-1825), um dos pensadores da primeira fase do socialismo, ou seja, o período entre as guerras Napoleônicas e a Revolução de 1848. Esta é a fase do chamado socialismo utópico.

⁹ François-Charles Fourier (1772-1837) também da 2ª geração e membro do grupo dos chamados socialistas utópicos, cujas teorias partem da oposição às idéias dos pensadores iluministas de uma natureza humana, consideradas por socialistas utópicos como responsáveis pelo curso desastroso da Revolução Francesa.

¹⁰ Movimento que difundiu as idéias de Saint-Simon.

Estado a tarefa de criar seus filhos. do ao estado a tarefa de criar seus filhos. Mas estes sonhos parisienses ficam eclipsados quando se constata a subsunção do indivíduo imposta pela divisão do trabalho, na qual as mulheres foram exploradas exatamente no que esta utopia prometia como libertação, ou seja, na sua caracterização heróica interpretada com preceitos virtuais por Claire Demar.

A mulher, ao sair da vida doméstica, apropriou-se de atitudes masculinas para sobreviver – nas fábricas, mão-de-obra conveniente por sua eficácia e baixo custo, como também no ativismo político. Na pior das hipóteses, restava a prostituição. Segundo Marx: “Na França, os operários de fábrica chamam a prostituição de suas mulheres e filhas de a enésima hora de trabalho, o que é literalmente verdadeiro”. Para viver a modernidade em todas as suas consequências era preciso, nas palavras de Baudelaire, “uma constituição heróica”, atribuindo-a inclusive, além das prostitutas, aos idosos, trapeiros, jogadores e lésbicas, estas como o ideal erótico da “mulher que evoca dureza e virilidade”, tema revelado por Balzac em *Menina dos olhos de ouro*; Gauthier, em *Senhorita Maupin*; Delatouche, em *Fragoletta*; e Gustave Flaubert, em *Madame Bovary*.

Na literatura, era recorrente o tema do amor homossexual feminino¹¹. Balzac¹², Gauthier¹³, Delatouche¹⁴, só para citar contemporâneos de Baudelaire, já haviam cantado e decantado a musa viril. A tradição de se falar, em literatura, do tema do amor lésbico, remonta na França, ao século XVIII.¹⁵

Baudelaire, em seu trabalho como crítico faz referência ao aparecimento nas artes de personagens femininas com traços másculos. Referimos-nos à hero-

¹¹ No romance de Zola, *Nana*, 1877, a personagem título tem um envolvimento homossexual. Quando sua parceira, no mundo da prostituição, Satin começa a se insinuar, ela não faz objeções.

¹² Honoré de Balzac, (1799-1850) escritor francês considerado um dos maiores romancistas de toda literatura. Sua obra além de ser vivo documento histórico-social e econômico, Marx a usou para escrever o *Capital*, possui valor estético em si mesmo, pela perfeição clássica que atingiu no gênero romântico. A obra de Balzac que traz um personagem com traços de homem é *A Menina dos Olhos de Ouro*.

¹³ Théophile Gauthier, 1811-1872, escritor francês defensor da ‘arte pela arte’ Precursor do parnasianismo, foi a ele que Baudelaire, chamando-o de ‘mestre impecável’, dedicou suas *Fleurs du mal*. A obra de Gauthier que tem uma personagem com traços masculinos é *Senhorita Maupin*.

¹⁴ A obra de Delatouche é *A Fragoletta*.

¹⁵ ALCÂNTARA, Plácido e HENRIQUE, Ricardo. O CORPO, O POETA E O FILÓSOFO: Walter Benjamin, leitor de Baudelaire. *Perspectivas*. São Paulo, 15: 11-21, 1992, p. 14.

ína de Flaubert¹⁶, Madame Bovary¹⁷, e aos retratos de mulheres de seu pintor predileto, Eugène Delacroix¹⁸. Na crítica que escreve sobre a obra prima de Gustave Flaubert, Baudelaire enumera vários traços de masculinidade da heroína Bovary.

Quanto ao personagem íntimo, profundo, da história, incontestavelmente é a mulher adúltera; só ela, a vítima desonrada, possui todas as graças do herói. Eu dizia, há pouco, que ela era quase macho e que o autor a tinha ornado (inconscientemente talvez) com todas as qualidades viris.¹⁹

Passado dez anos o romance de Flaubert continuava a margem que fora colocado pela censura do II Império. Ao retratar de maneira implacável os homens de boa vontade e criticar a mulher que ainda ignora o que realmente deseja *Madame Bovary* era como um sino a badalar contra a sociedade criada pelo segundo Napoleão. Após a derrota dos trabalhadores em 1848, por um momento pareceu que a “voz das mulheres” poderia se fazer ouvir: mesmo sob o estado de sítio, as mulheres continuaram a agir – pela ampliação dos seus direitos e, acima de tudo, pelo direito ao divórcio, mas também pela anistia.

Em sua obra *Lutas de classes na França*, Marx menciona uma grande manifestação junta à porta de Saint-Denis, quando milhares de mulheres e crianças dos insurrectos preparavam uma petição de anistia; para os pequeno-burgueses da Assembléia Nacional.

¹⁶ Gustave Flaubert, escritor francês (1821-1880) romântico por essência, com um forte senso do ridículo, detestava tudo o que fosse burguês, rotineiro, suficiente. Sua doutrina estética estava subordinada à verdade e à beleza, por isto foi considerado um escritor realista. Sua obra mais conhecida é *Madame Bovary*.

¹⁷ Obra prima de Gustave Flaubert é um quadro da vida provinciana, tido como o romance realista por excelência, retrato exato da sociedade burguesa, e, ao mesmo tempo, um romance de amor, de forma impecável e de extraordinária beleza plástica. O personagem central é *Madame Bovary*, esposa de um pequeno médico da roça. A personagem é das maiores figuras femininas da ficção universal. Dela deriva o termo ‘bovarismo’ que indica a angústia de um temperamento romântico, que estiola nas limitações impostas pelo meio.

¹⁸ Ferdinand Victor Eugène Delacroix (1808 – 1863) Um dos expoentes da pintura francesa, romântico pela pintura e pela dramaticidade e clássico pelo pensamento. O pintor foi a bandeira do romantismo que se antepôs ao neoclassicismo de Ingres, inclusive buscando temas na antiguidade medieval e nos dramas de Shakespeare.

¹⁹ BAUDELAIRE, Charles. *Madame Bovary* In: *Reflexões sobre Meus contemporâneos*. São Paulo: EDUC/Imaginário, 1992, p 50-51.

Sobre a obra pictórica de Delacroix escreve Baudelaire: *Delacroix me parece o artista mais bem dotado para exprimir a mulher moderna, sobretudo em sua manifestação heróica, no sentido demoníaco ou divino.* ²⁰

Estes pequenos fragmentos parecem conter as pistas para sabermos como Baudelaire via a mulher lésbica. Ela é a “mulher moderna”, especialmente capaz de atitudes heróicas. A modernidade vivida pelo poeta é aquela que transforma todas as pessoas em serviçais da nova classe agora no poder, a burguesia, que faz da mulher apenas uma mercadoria do prazer sexual.

Segundo Walter Benjamim,

a lésbica é a heroína da *modernité*. Fio condutor da eroticidade em Baudelaire - essa mulher que fala da dureza e da masculinidade -, ela foi penetrada por um temário histórico: o da grandeza no mundo antigo. ²¹

Esta “heroína” de traços másculos é a conduta desviante em uma sociedade burguesa, que não tem pudores nos negócios, mas prega a moral e os bons modos e costumes em sociedade. Como oposição a tal sociedade, o poeta “escandaloso” denuncia não só a utilização da mão-de-obra feminina na nascente fábrica capitalista, mas todo o desrespeito aos trabalhadores em geral.

Com isto, concorda o crítico alemão Dolf Oehler que, em sua obra sobre Baudelaire, afirma:

Dos poemas sobre as lésbicas que chegaram a nós, deduz-se que tal livro de poemas foi concebido como um grande arrazoado da revolução sexual e uma rejeição da falocracia, contendo longas passagens hínico-utópicas sobre as alegrias do homoerotismo e do erotismo sem finalidade, bem como impressionantes ataques satíricos à triste realidade burguesa. ²²

O olhar de Baudelaire sobre as mulheres tem uma agudeza própria que nos remete às questões que ele levanta sobre os traços da modernidade. Em *O pintor*

²⁰ BAUDELAIRE, Charles. Exposição Universal de 1855. In: *Poesia e prosa*: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 785.

²¹ BENJAMIN, Walter. A Modernidade. In: KOTHE, Flávio René. (org). *Walter Benjamim*. São Paulo: Ática, 1991, p. 113.

²² OEHLER, Dolf. *Quadros Parisienses (1830-1848)*: estética antiburguesa em Baudelaire, Daumier e Heine. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 247.

da vida moderna escreve Baudelaire sobre a mulher: “... esse ser terrível e incomunicável como Deus (com a diferença que o infinito não se comunica porque cegaria e esmagaria o finito, enquanto o ser de que falamos talvez só seja incompreensível por nada ter a comunicar, talvez)...”²³

A relação que Baudelaire faz da mulher com Deus traz o feminino exatamente nesse lugar que aponta para o impossível de ser alcançado, com a diferença, como vimos, de que nela o impossível de ser acessado o é apenas por que é nada, é vazio.

A mulher é, sem dúvida, uma luz, um olhar, um convite à felicidade, às vezes uma palavra; mas ela é sobretudo uma harmonia geral, não somente no seu porte e no movimento de seus membros, mas também nas musselinas, nas gazes, nas amplas e reverberantes nuvens de tecidos com que se envolve, que são como que os atributos e o pedestal de sua divindade;...²⁴

Para o poeta a mulher exerce um misterioso e complexo encantamento sobre os homens e nos adverte: “Tudo que adorna a mulher, tudo o que serve para realçar sua beleza, faz parte dela própria...”²⁵

No universo das *Flores do Mal*, a mulher aparece como agente preferido do Diabo, na medida em que sua sedução se exerce sobre os sentidos. Na esteira do Romantismo, Baudelaire apresenta ainda, em sua obra, a dicotomia Mulher-anjo e Mulher-demônio. Entretanto, não são muitos os poemas que cantam o amor espiritual devotado à mulher angélica. A mulher satânica predomina, sob diferentes formas ou denominações: harpia, fera, demônio, feiticeira, vampira, maldita, impura, rainha dos pecados; aí sua sensualidade é manifesta, bem como seu poder de atração e de sedução que, geralmente, transforma o homem em vítima.

Vejamos em um dos poemas sobre amor lésbico, “Lesbos”²⁶, como Baudelaire apresenta a homossexualidade feminina:

²³ BAUDELAIRE, Charles. *A modernidade de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 198.

²⁴ *Ibidem*, p. 199.

²⁵ *Idem, Ibidem*.

²⁶ Ilha grega do mar Egeu, perto do litoral turco que nos tempos arcaicos foi morada de poetas líricos, como Alceu, Terpandro, Arião e Safo.

*Lesbos, onde as Frenéas²⁷ uma à outra esperam,
Onde jamais ficou sem eco um só queixume,
Tal como a Pafos²⁸ as estrelas te veneram,
E Safo²⁹ a Vênus³⁰, com razão, inspirou ciúme!
Lesbos, onde as Frenéas um à outra esperam,*

*Lesbos, terra das quentes noites voluptuosas,
Onde, diante do espelho, ó volúpia maldita!
Donzelas de ermo olhar; dos corpos amorosas,
Roçam de leve o tenro pomo que as excita;
Lesbos, terra das quentes noites voluptuosas,³¹*

Lesbos. V. 11-20.

O poema faz apologia ao amor lésbico, apesar de apresentá-lo em uma ilha, lugar fora da sociedade. Neste espaço reservado ao amor homossexual feminino, há trocas de carícias e choro pela morte da amiga Safo, que partiu em busca do amor heterossexual.

*Para saber se a onda do mar é meiga e boa,
E entre os soluços, retinado no rochedo
Enfim trará de volta a Lesbos, que perdoa*

²⁷ Cortesão ateniense, (Téspias viveu no século IV a C). Acusada de impiedade, ter-se-ia beneficiado da indulgência de alguns juízes quando seu defensor, Hipérides, a despiu diante deles.

²⁸ Cidade da ilha de Chipre onde se praticava o culto à deusa Afrotite.

¹²⁹ Poetisa grega célebre na antiguidade, seus poemas tinham intenso acento lírico, criou a estrofe sáfica.

³⁰ Antiga deusa pré-romana da península italiana, ligada ao cultivo Também associada ao amor.

³¹ BAUDELAIRE, Charles. *Lésbos*. In: *As Flores do mal*. 5ª ed. Tradução e notas Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 498-499.

“Lesbos, où les Phrynès l’une l’autre s’attirent, / Où jamais uns soupir ne resta sans écho, / A l’égal de Paphos les étoiles t’admirent, / Et Vénus à bon droit peut jalouser Sapho! / Lesbos, où les Phrynès l’une l’autre s’attirent, // Lesbos, terre des nuits chaudes et langoureuses, / Qui font qu’à leurs miroirs, stérile voluplé! / Les filles aux creux, de leurs corps amoureuses, / Caressent les fruits mûrs de leur nobilité; / Lesbos, terre des nuits chaudes et langoureuses, “

*O cadáver de Safo, a que partiu tão cedo,
Para saber se a onda do mar é meiga e boa!*³²

Lesbos. V. 50-55.

*—De Safo que morreu ao blasfemar um dia,
quando, trocando o rito e o culto por luxúria,
Seu belo corpo ofereceu como iguaria
A um bruto cujo atormentou a injúria
Daquela que morreu ao blasfemar um dia.*³³

Lesbos. V. 66-70.

Há, no poema, um forte clamor por justiça, que lembra o quanto a sociedade burguesa é injusta bem como a incapacidade de amar da classe dominante.

*De que valem as leis do que é justo ou injusto?
Virgens de alma sutil, do Egeu³⁴ orgulho eterno,
O vosso credo, assim como os demais, é augusto,
E o amor rirá tanto do Céu quanto do Inferno!
De que valem as leis do que é justo ou injusto?*³⁵

Lesbos. V. 36-40.

³² *Ibidem*, p. 502-503.

“Por savoir si la mer est indulgente et bonne, / Et parmi les sanglots dont le roc retentit / Um soir ramènera vers Lesbos, qui pardonne, / Le cadavre adoré de Safo, qui partit, Pour savoir si la mer est indulgent et bonne!”

³³ *Ibidem*, p. 502-503.

“— De Safo qui mourut le jour de son blasphème, / Quand, insultant le rite et le culte inventé, / Elle fit son beau corps la pâture suprême / D’un brutal dont l’orgueil punit l’impiété / De celle qui mourut le jour de son blasphème”

³⁴ Mar do Mediterrâneo, ao leste da Grécia, onde fica a ilha de Lésbos ou Mytiléne

³⁵ BAUDELAIRE, Charles. Lésbos. In: *As Flores do mal*, *op cit.*, p. 500-501.

“Que nous veulent les lois du juste et de l’injuste? / Vierges au coeur sublime, honneur de l’archipel, / Votre religion comme une autre est auguste, / Et l’amour se rira de l’Enfer et du Ciel! / Que nous veulent les lois du juste et l’injuste?”

O poema é um hino ao amor lésbico, afirma Benjamin que alerta para o fato deste poema representar uma oposição ao outro, Femmes Damnées-Delphine³⁶ et Hippolyte³⁷, que seria uma condenação de tal conduta amorosa.

Na poesia de Baudelaire há uma série de fatos importantes e até mesmo evidentes que passaram despercebidos. Um deles é a orientação antitética dos dois poemas lésbicos que, em *Les épaves*, se seguem um ao outro: “Lesbos” é um hino de amor lésbico; “Delphine et Hippolyte”, ao contrário, é uma condenação, ainda que a tremer de medo, dessa paixão.³⁸

Se nos ativermos à leitura deste longo poema, Femmes Damnées - Delphine et Hippolyte, seremos levados a meditar em que medida é exata a afirmativa de Benjamin. Não vemos na poesia o autor como juiz. Antes nos parece o encontro de vários pontos de vista. O poema é um diálogo amoroso entre duas mulheres, um elogio ao idílico.

*À tibia luz das lamparinas voluptuosas,
Sobre sensuais coxias impregnadas de essência,
Sonhava Hipólita as carícias poderosas
Que lhe erguiam o véu da púbere inocência.*³⁹

Femmes Damnées - Delphine et Hippolyte. V. 01-04.

Só nas estrofes finais a condenação do amor delas é feita pelo sujeito poético. A dramaticidade da cena tende a encobrir o ato condenatório. O que é um momento do discurso e não a sua conclusão.

*Longe dos vivos, erradías, condenadas,
Correi rumo ao deserto e ali uivai a sós;
Cumprí vosso destino, almas desordenadas,
E fugi do inferno que trazeis em vós!*⁴⁰

Femmes Damnées - Delphine et Hippolyte. V. 100-104.

³⁶ Uma das pítias, sacerdotisas encarregadas de pronunciar oráculos em nome de Apolo, em Delfos.

³⁷ Rainha das amazonas, filha de Ares.

³⁸ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 115.

³⁹ BAUDELAIRE, Charles. Mulheres Malditas. In: *As Flores do mal, op. cit.*, p. 504-505.

“A la pâle clarté des lampés languissantes, / Sur de profonds coussins tout imprégnés d’odeur, / Hippolyte rêvait aux caresses puissantes, / Qui levaient le rideau de sa jeune candeur”

Segundo Dolf Oehler, ao transformar as quatro últimas estrofes em uma quase condenação do amor lésbico, Baudelaire tentava driblar a censura. O que teria sido em vão, pois o poema, como o outro sobre amor homossexual feminino, foi proibido e não circulou na primeira edição de *Les fleurs du mal*. Para ele, já no poema “Lesbos”, o primeiro da série, pode ser lido uma crítica radical à política da burguesia.

Nas *Fleurs du Mal* e no Salão, basta Baudelaire manter uma distância hipócrita - irônica dos *raisonnements de l'ignorance et la fureur* para alcançar seus objetivos em textos politicamente radicais (...).⁴¹

Este segundo poema, portanto, não nos parece negativo quanto ao amor lésbico e ainda devemos levar em consideração o fato de que a simples publicação de poemas que trate do tema homossexual não deixa de ser uma intervenção na esfera do público. Colocar em evidência, em discussão, um assunto do qual todos têm conhecimento, mas que é tratado de forma velada, é, por si, uma contribuição relevante.

*Meus beijos são sutis como asas erradias
Que afaçam pela tarde os lagos transparentes,
Mas os de teu amante não de escavar estrias
Como as carroças e os arados inclementes;*⁴²

Femmes Damnées- Delphine et Hippolyte. V.29-32.

Aqui a fala é de *Delphine* à sua amada, *Hippolyte*, que, perdida em sonhos, olha o mar como quem espera a volta de um marujo. A amante chama-lhe à realidade lembrando que o tipo de amor tranquilo que ela lhe oferece não teria lugar no amor heterossexual.

⁴⁰ *Ibidem*, p 512-513.

“Loin des peuples vivants, errantes condamnées, / A travers les déserts courez comme les loups; / Faites votre destin, âmer désordonnées, / Et fuyez l’infini que vous portez en vous!”

⁴¹ ORHLER, Dolf, *op cit.*, p. 248-249.

⁴² BAUDELAIRE, Charles. Mulheres Malditas. In: *As Flores do ma*, *op. cit.*, p. 506-507.

“Mes baisers sont légers comme ces éphémères / Qui caressent le soir les grands lacs transparents, / Et ceux de ton amant creuseront leurs ornières / Comme des chariots ou des socs déchirants.”

*No amor lésbico, confiança, intimidade, delicadeza, dedicação, paixão e volúpia, na relação sexual burguesa, insensibilidade, egoísmo, brutalidade, violência, terror e barbarismo.*⁴³

Baudelaire é bastante explícito quando fala do lesbianismo nos poemas que compõem o ciclo sáfico. Os contornos de uma nova mulher vão, assim, se delineando com a junção de elementos contrários: lassidão, melancolia, amargura, pesar, desesperança se confundem com o desejo de viver, o ardor, a volúpia, a sedução - Hipolyte e Delphine, juntas, apresentam todos esses componentes, sendo a esterilidade sua característica comum.

Assim, essa mulher de traços novos, que situa o amor dentro de uma nova perspectiva - a do prazer pelo prazer, do ato gratuito, sem utilidade e sem culpa - que é artificial, cerebrina e calculista, vai-se revelar equivalente à obra de arte e desdobrar-se em vários aspectos que constituirão a estética do Decadentismo: a criação poética não é mais um ato espontâneo, mas cerebral; é um ato gratuito e, se desperta prazer, é um prazer egoísta que liberta o indivíduo e o arrasta para um mundo fechado; esse universo estéril, egoísta, que canta o prazer pelo prazer, coloca o problema da vida fictícia, do mundo de ilusão onde o homem moderno está inserido e, finalmente, faz desaparecer a dicotomia natural/artificial, pois o mundo moderno não conhece o natural. Completando e tornando precisos os traços dessa nova mulher e dessa nova visão de arte, surgirá Salomé - a Mulher Fatal, sensual e cruel, símbolo do ato gratuito-que se tornará a musa do Decadentismo.

Mais uma vez Baudelaire dessacraliza o amor realçando seu caráter não utilitário, estéril e criando um tipo de mulher que vai, aos poucos, acentuando o modelo satânico romântico que enfatiza o caráter de crueldade e sensualidade.

A mulher está perfeitamente nos seus direitos e cumpre até uma espécie de dever esforçando-se em parecer mágica e sobrenatural; é preciso que desperte admiração e que fascine; ídolo, deve dourar-se para ser adorada. Deve, pois, colher em todas as artes os meios para elevar-se acima da natureza para melhor subjugar os corações e surpreender os espíritos.⁴⁴

⁴³ OEHLER, Dolf, *op cit.*, p. 248.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 202-3.

Dessa maneira, somente através do uso da maquiagem a mulher se tornará bela, pois sendo um ídolo, deve “*se dorer pour être adorée*”. Esse aspecto artificial, que passa a ser um componente da beleza feminina, aparece também nas atitudes e na postura da mulher quando ela *experimenta poses com um ar vago e sonhador*.

Baudelaire tem profundo desprezo por tudo que compareça sob a rubrica do *natural*. Para ele,

a maior parte dos erros relativos ao belo nasce da falca concepção do século XVIII relativa à moral. Naquele tempo a natureza foi tomada como base, fonte e modelo de todo o bem e de todo o belo possíveis. A negação do pecado original contribuiu em boa parte para a cegueira geral daquela época.⁴⁵

Para o poeta a arte já não é a idealização da natureza e, portanto, a imitação de alguma essência, a arte deve ser artificial, porque supera e nega a natureza. A mulher, um ser natural, só é valorizada por Baudelaire sob três hipóteses: *maquiada, fatal* ou *lésbica*, contrariando as leis da natureza nas três modalidades, em afronta ao modelo de mulher consagrado pelo etos burguês, o de esposa exemplar e mãe dedicada.

Vejam os em um dos poemas mais conhecidos de *As Flores do Mal* como a mulher surge, passa e capturada pelo poeta *flaner* da modernidade.

A uma passante

A rua em torno era um frenético alarido.

Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,

Uma mulher passou, com sua mão suntuosa

Erguendo e sacudindo a barra do vestido

Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.

Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia

No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,

A doçura que envolve e o prazer que assassina.

⁴⁵ BAUDELAIRE, Charles. *A modernidade de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 200.

Que luz... e a noite após? — Efêmera beldade

Cujos olhos me fazem nascer outra vez,

Não mais hei de te ver senão na eternidade?

Longe daqui! tarde demais! nunca talvez!

Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,

*Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!*⁴⁶

A poesia traz a imagem de uma passante séria, fria, que tendo um olhar “*onde aflora a ventania*” aquece o poeta mesmo mantendo distância. É uma mulher que tenta se livrar de sua realidade e não consegue, pois “permanece de luto, na dor majestosa” e apenas passa “*Erguendo e sacudindo a barra do vestido*”, o que mostra seu apego às convenções da época, impossibilitando ela de se afastar da mesma.

Pelo título do poema – A uma passante – podemos perceber que o eu oferece a uma mulher o que será dito em versos. Não se trata de uma mulher específica, posto que o artigo transmite essa idéia de não-exatidão, mas de uma mulher que talvez tenha passado por ele, ou de uma mulher que represente todas aquelas que passam, diariamente, nas ruas dos grandes centros. A mulher não é descrita pelas suas qualidades até então – ela não é nomeada; é somente na segunda estrofe que começam a surgir algumas caracterizações da mesma. Nessa mesma estrofe, vemos uma distância entre a mulher e o sujeito do poema – pernas de estátua, nobre. Do mesmo modo, pares antitéticos reforçam essa idéia de distância e encantamento frente ao que o eu – poético observa – “*A doçura que envolve e o prazer que assassina*”. Na terceira estrofe, mais uma vez, encontramos elementos que nos dá a impressão de fugacidade e efemeridade – “*Que luz... e a noite após?*”. A presença da mulher, como que um

⁴⁶ BAUDELAIRE, Charles. A uma passante. In: *As flores do mal*. 5. ed. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 344–345.

“La rue assourdissante autour de moi hurlait/ Longue, mince, en grand deuil, douleur majestueuse./ Une femme passa, d’une main fastueuse/ Soulevant, balançant le feston et l’ourlet;/ Agile et noble, avec sa jambe de statue./ Moi, je buvais, crispé comme un extravagant./ Dans son oeil, ciel livide au germe l’ouragan./ La douceur qui fascine et le plaisir qui tue./ Un éclair... puis la nuit! — Fugitive beauté/ Dont le regard m’a fait soudainement renaître./ Ne te verrai-je plus que dans l’éternité?// Ailleurs, bien loin d’ici! trop tard! jamais peut-être!// Car j’ignore où tu fuis, tu ne sais où je vais./ O toi que j’eusse aimée, ô toi qui le savais!”

clarão, um relâmpago, é breve, mas impactante. O eu - poético se pergunta se seria possível vê-la novamente, mesmo que na eternidade-onde seria mais provável o encontro, uma vez que ela existe, agora, apenas na sua imaginação.

Na última estrofe temos a palavra nunca. O eu do poema reforça a idéia do efêmero, perguntando à mulher, ou se perguntando, se seria possível um encontro entre os dois – a resposta para essa indagação estaria, talvez, no primeiro verso, da mesma estrofe – “*Longe daqui! tarde demais! nunca talvez!*”.

O poeta foi alguém bastante preocupado com as mudanças que ocorriam a sua volta e não deixou de capturá-las em sua poesia. Como um pêndulo, Baudelaire ia de um extremo a outro, sempre empregando muita força ao movimento.

Isto lhe confere secreto significado. Dá-lhes uma constelação peculiar em que no homem também se unem grandeza e paz interior. Isso governa a existência de Baudelaire. Ele a decifrou, chamando-a de ‘modernidade’.⁴⁷

Baudelaire iguala as mulheres à sexualidade e as identifica com o problema do espaço urbano. O ponto de partida é a sua afirmação de que a mulher é o espaço da sexualidade. Nos seus escritos, as mulheres representam a perda da natureza, que surge como aspecto chave da modernização. A mulher andrógina, a lésbica, a prostituta, a mulher sem filhos, todas indicam novos temores e novas possibilidades, levantando questões, ainda que elas não dessem resposta, tais como a erotização da vida na metrópole.

Era a vida nas grandes cidades que preocupava o poeta, e todas as personagens que aí se movimentava mereciam sua atenção. A incursão da mulher no espaço da cidade só foi possível após o advento da revolução industrial e sua visibilidade colocou problemas tais como o exercício do poder masculino sobre os espaços públicos e privados.

O poeta não só viveu com intensidade sua época, como também expôs sua fase mais perversa, aquela que segrega, não só as mulheres, mas todas as minorias e excluídos do mercado de produção de mercadorias.

Para Walter Benjamin, Baudelaire não se coloca como advogado de tais personagens, mas a eles dá visibilidade.

⁴⁷ BENJAMIN, Walter, *op. cit.* p. 117-118.

Seria absurdo supor que Baudelaire tenha alguma vez pensado em defender, com sua poesia, publicamente a mulher lésbica. Isto pode ser comprovado pelas propostas que ele fez ao seu advogado para sua defesa no processo contra *As Flores do Mal*.⁴⁸

Com certeza, concordamos com Benjamin. Não era intenção de Baudelaire transformar sua poesia em panfleto, ele repudiava o uso da arte para mero fim político. Mas parece que este argumento jurídico mencionado por Benjamin não possui, assim, tanta força já que este estratagema circunstancial de Baudelaire não desabona, repetimos, o fato de tal publicação, sobre amor homossexual, não deixar de ser por si uma intervenção na esfera do público. De resto, Baudelaire não foi e não será o último artista na história a abrir mão, em tal situação, de uma obra censurada.

⁴⁸ *Ibidem*. p. 166.